

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

VOL. I.

DOMINGO 18 DE MAIO DE 1856.

N. 24.

A SEMANA.

A primeira serie.

Com o presente numero completa-se a primeira serie da nossa folha; e com o proximo vai dar-se principio á segunda, que findará com o n.º 48, ultimo do primeiro volume.

Temos pois uma existencia de cerca de seis mezes, e uma tal idade, em jornalismo litterario, é quasi uma vida de Mathusalem.

Ninguem pôde avaliar o que ha de ingrato, o que ha de desanimador, o que ha de immensamente excepcional na vida do jornalista litterario. E' preciso uma força de Titan para sustentar essa lucta, arca a arca, com o monstro da indifferença.

O marasmo litterario que peza sobre a sociedade actual é uma ulcera que a corre; porque o jornalismo diario, ou commercial noticia, mas não instrue, nem edifica; a sua existencia ephe-mera, a sua forma e tamanho, a sua variedade de assumptos de momento, tudo isto o inhabilita para exercer uma missão de instrucção. O jornalismo litterario, é pois, uma necessidade. Mas, se alguns tem tentado aclimatal-o entre nós, o terreno ainda não se tem prestado a alimentar essa planta tão exotica: o jornalismo diario tem avultado, tem esmagado todas as heroicas tentativas que a este respeito se tem feito.

A Semana havia de antemão previsto as dificuldades que teria a vencer, e se havia preparado para o incruento sacrificio; mas nunca pôde ella sondar os soberanos estorvos que realmente tem encontrado.

Não são elles porém bastantes e de natureza tal a obrigar-nos a uma retirada do posto da imprensa. Se nas duras provas da guerra se habilita o soldado, e se torna mais apto para as lidas, também, nas contrariedades e nas deceções, nos havemos apparelhado para proseguir com mais segurança na missão, embora de sacrificio, a que nos consagramos.

A Semana, mais desasombrada dos embaraços

inherentes ás primeiras aspirações de uma empreza, vai proseguir sob melhores auspicios. Nada prometemos: invocamos uma generosa expectativa, assegurando a nossos leitores que a Semana buscará corresponder a essa expectativa, e ser pontual no desempenho dos seus compromissos.

Medidas policiais.

Uma das folhas diárias havia publicado o seguinte:

« Um bando de *aves de rapina*, que são da familia dos *cambistas*, e do genero *cigano*, acaba de precipitar-se sobre o lyrico, a espicaçar horrivelmente as algibeiras dos dilettanti.

« Sr. chefe de policia, Sr. chefe de policia, Sr. chefe de policia, ponha em pratica o remedio, com que o Sr. desembargador Siqueira afugentava esta praga.

« A directoria do lyrico, depois de ciganar com os cambistas, levanta o preço das entradas. Mas sou-nos com quanta opera bolorenta e estropeada houve, e agora, porque resussita um Lazaro, começa a fazer das suas.

« Sr. juiz do theatro, Sr. juiz do theatro, Sr. juiz do theatro, a directoria não pôde levantar os preços: seria um escandalo, justificando outro escandalo, consentir-se em tal.

O Sr. chefe de policia actual attendeu a este clamor, e não só afugentou e prendeu alguns cambistas, como multou a directoria em perto de um conto de réis.

Sabemos também que o facto horroroso do incendio do theatro de S. Pedro lhe está merecendo particular attenção; e que talvez em breve se descubra a mão criminosa que sacudio o falso do incendio.

Era na verdade uma vergonha summa para a policia ter passado incolume esse nefando attentado, repetido pela segunda vez, contra um edificio monumental. Ainda bem que o Sr. Andrade Pinto busca remediar essa falta: oxalá que elle possa emsí desaggravar a sociedade.

Instituto Historico.

Na ultima sessão do Instituto (a 16 de maio) o Sr. Dr. Freire Allemão, o nosso primeiro e mais distinto botanico, leu uma memoria sobre a introdução e aclimatação de algumas plantas no Brazil, trabalho este que foi ouvido com a mais profunda atenção e vivo interesse.

A canna de assucar foi o especial assumpto para esta primeira leitura.

Segundo a opinião illustrada do illustre academico, a canna não é indigena da America, como pretendem alguns, mas importada imediatamente da ilha da Madeira.

A memoria abunda em riqueza da erudição, o que mostra ser um trabalho de empenho, que saiu da conscienciosa penna do Sr. Dr. Freire Allemão.

Revista Trimensal.

Publicon-se o n.º 19 da *Revista Trimensal* do Instituto Historico, contendo considerações do Sr. brigadeiro J. J. Machado d'Oliveira sobre o descobrimento do Brazil, reflexões do Sr. A. Gonçalves Dias sobre uma memoria do Sr. Joaquim Norberto, e refutação a essas mesmas reflexões, pelo auctor da memoria.

No n.º 20 é que será publicada a interessante memoria do Sr. Arcebispo da Bahia sobre a naturalidade do padre Antonio Vieira.

FESTIVIDADES.

Convento do Carmo.

No domingo passado celebrou-se na igreja da Lapa do Desterro a festa do Espírito Santo.

A musica foi dirigida pelo Sr. Dionizio Vega: os *Kiries* foram de estylo e espirito sacro; mas os solos do *gloria* foram legitimos plagiatos das operas italianas, muito conhecidas na nossa scena lyrica. Não obstante o Sr. Dionisio Vega merece muitos louvores por haver banido da orchestra os pratos, os bombos, e outros instrumentos puramente marciaes, e haver introduzido o acompanhamento da harmonica.

A decoração da igreja não esteve conveniente: esse templo por suas decorações e architectura não carece d'essas bambinellas de máo gosto, como se via no altar das Dores e Conceição.

O sermão foi pregado por uma das primeiras glorias do nosso pulpito. O Sr. padre Mestre Fr. Bernardino de Santa Cicilia Ribeiro, obteve mais

um triumpho na sua gloriosa carreira de orador sagrado.

Sobre o mais da festividade esteve regular e decente. A medida adoptada de prohibir a entrada para o coro e tribunas ao povelo julgam-a muito adquada e conveniente; e se tivessemos de reprehender n'isso alguma cousa seria a facilidade com que se distribuiram as senhas de entrada.

Para o lugar do côro só devem ter entrada os musicos, e como não trazem letreiro na testa cumpre dar-se-lhe uma senha: para as tribunas deve preferir-se pessoas qualificadas por sua posição ecclesiastica ou social, e essas devem abster condusidas por algum dos padres da casa. É preciso que haja polícia e recolhimento na casa do senhor. Nos nossos templos é proverbial a falta de decencia; e é da mais alta conveniencia acabar-se com os abusos e escandalos.

Igreja de Santa Anna.

A musica foi a do quadro do Instituto Religioso, e foi dirigida pelo Sr. Raphael, que finalmente vae vendo coroados os seus esforços a favor da rehabilitação da musica sacra. O desempenho foi satisfatorio, não obstante as dificuldades com que ainda se luta por causa do pessoal do quadro, que ainda não está regularmente montado.

Tem-se feito propalar a idéa de que no quadro musical do Instituto sómente são admittidos padres e que d'elle se proscrevem os de mais artistas.

Não passe despercebida uma tal assertão, porque é falsa. No quadro são admittidos quaisquer artistas, com as gratificações usuaes; mas que execute a musica segundo o caracter e espirito religioso.

Assim quaisquer professores cantores ou instrumentistas, que não estejam atados a qualquer compromisso, podem concorrer aos lugares vagos do quadro musical do Instituto; e ahi serão bem recebidos, e tão gratificados como por qualquer outro director de festividades.

O que é especialmente adoptado no quadro musical do Instituto é, que depois de gratificados os cantores e instrumentistas, o saldo é oferecido aos cofres do Instituto pelo respectivo director da harmonia o Sr. Raphael Coelho Machado, que só para si reserva a satisfação moral de haver concorrido para o banimento da musica profana dos nossos templos, e lançado as primeiras bases do Instituto Episcopal Religioso, que hoje se acha sob os melhores auspicios.

Voltando á festa de Santa Anna diremos que foi ella muito concorrida, e que os respectivos testeiros nada pouparam para o seu brilhantismo.

Pregou o padre-mestre Prado, cujo desempenho foi muito satisfatório.

Dos abuzos dos leilões e outras costumeiras falaremos n'outro lugar.

PARTE LITTERARIA.

AS AMERICANAS.

VI.

UBOBOCA

A COBRA CORAL.

CANTO TRADICIONAL. (1).

I.

O coral ! Como és linda ! Como és bella
A' luz do claro sol,
Qual a nuvem do céo que se ennovela
Da tarde ao arrebol !

As serpes que se arrastam de mil modos
N'um dia as transformou Mair-Monan,
Mas tu, minha Coral, ah dizem todos
Custaste muito tempo ao gran Monan.

Monan creou o céo, creou a terra,
Que elle é de tudo o sabio creador,
Porém Tupan, que o raio em si encerra,
Deu-te a fórmula do raio abrasador.

Izin-Magé, da terra que conserva
Inda o escuro da triste combustão
Formou esses anneis em que observa
Inda Tata o negro do carvão.

Sommé da mancha *tata upap* (2) chamada
De aig, (3) que em se mover chora de dôr,
Tirou a braza bella e nacarada
Que em tua pelle poz mudando a cõr.

(1) O assumpto d'este canto foi-nos transmitido por Montaigne, que apenas nos conservou o seguinte fragmento : Coulure arreste-toy, arreste toi coulure, asin que ma sœur tire sur le patron de la peinture la façon et l'ouurage d'on riche cordon, que se puisse donner à m'amie : ainsi soit en tout tempo ta beanté et ta disposition préféré à tous les autres serpents. *Essais, tome I, chap. XXX.*

(2) Mancha semelhante a brasas na pelle de aig, a preguiça (*Bradypus tridactylus Linn*) Ils disent que Monan avait réservé (le feu) entre les épaules d'une beste asses grande et lourde, qu'ils nomment *aig*, et le quel les deux frères tirèrent

Nas folhas da taióba viridantes
Gotas de orvalho achou Tamandaré,
Para formar teus olhos fulgurantes
Que inveja são do proprio cabaré.

Pura e bella e no mundo sem defeza
Ah sicavas exposta a p'rigos mil
Porém p'ra defender tua belleza
Deu-te Aricate um toxico subtil.

E tu, minha coral, tu que és formosa
Tu serás sempre assim !
Estenda-te Monan a mão cuidosa
Porque não tenhas sim !

II.

O coral tu és linda ! Tu és bella
Entre serpentes mil,
Como entre os astros é a alva estrella
Surrindo em céos de anil !

Boicininga na cauda saccode
O instrumento de infausto rumor,
Mas comtigo, ó coral, ella não pôde,
Competir no formoso da cõr.

A giboia, nos rios possante,
E' de tudo o que vive o terror;
Mas a ti, ó coral tam brillante,
Tem'o indio sympathico amor !

A boiuna que os homens devora
Tem nos olhos a ira, o furor ;
Mas em ti ó coral, ahi se adora
Esse olhar de celeste fulgor !

Jararaca nos trilhos espera
A quem ha de causar crua dôr
Mas não tu, ó coral, por que fera
Só te mostras ao teu agressor !
Boitipoia na cauda sómente
Patenteia cobarde valor,
Mas de ti, ó coral, tam luzente,
Ninguem teme o embuste traidor.

après le déluge et disent, que encore cet animal porte les marques ; pour ce que, à dire la vérité, si vous contempliez ceste beste de loing, comme i'ay fait quelque fois, lors qu'ils me la monstrerent par vue certaine curiosité, vous iugerez (tant sa couleur est viue vers les épaules) qu'elle est toute eu feu, et de pres on ingeroit qu'elle a été brûlée an dit endroit ; et n'apparoist ceste marque, sinon aux masles. Encore de présent les sauvages appellent cest impression de feu en ladite beste *tatta oupap*, c'est à dire feu e foyer. THEVET, *Cosmographie universel, liv. XXI, De la légère croyance des sauvages australx.*

(3) V. nota 2.

E a serpente que ataca a fogueira,
Nada teme, nem o caçador ;
Mas tambem, ó coral, és arteira
Que nos vences só com teu primor.

E tu minha coral, tu que és formosa,
Tu serás sempre assim ;
Estende-te Monan a não cuidosa
Porque não tenhas sim !

III.

O' coral, como és linda, como és bella
Por entre a relva em flor
Como junto ás donzelias a donzella
Cheia de ardente amor.

Não sujas coral, formosa serpente,
Prazer de meus olhos, primor sem igual,
Incanto das selvas, inveja das flores
Matiz das campinas, tam só, sem rival !

Detem-te, coral, formosa serpente ;
Jaty por quem vivo ardendo de amor,
Jaty entre as bellas é ainda mais bella,
Qual entre as serpentes tens todo o primor,

Monan de uma flor formou uma virgem
E a deu por esposa ao grande Magé ;
Formosa como ella quem foi sobre a terra ?
Pois ah ! minha amante mais bella inda é !

Espera coral, formosa serpente,
Jaty tem um collo que é como essa flor,
Que agora disponta tam cheia de alvura,
E logo essa alvura se torna em rubor.

E eu quero adornal-o com graça não vista ;
Unir a belleza da serpe gentil
A grande belleza da virgem mais linda
Mais linda que as virgens, mil virgens e mil !

Ah ! deixa que sirvas a irman tam querida
De lindo mimoso modelo sem par
Nas fórmas, nas còres, no vario desenho
A um rico brilhante formoso collar.

Com elle que graça, que encanto, que enlevo
Ah não deve ter a minha Jaty !
A um lindo colar modelo mais bello,
Que o diga quem pôde, que cousa ha ahi ?

E tu minha coral, tu que és formosa
Tu serás sempre assim ;
Estende-te Moran a não cuidosa,
Ah nunca terás sim !

J. NORBERTO DE SOUSA E SILVA.

REVISTA THEATRAL.

CORRESPONDENCIA FAMILIAR.

CARTA VII.

(AO VOAR DA PENNA).

MEU CARO DIRECTOR. — Como o filho prodigo da Escriptura santa voltou arrependido á casa paterna, que tão ingratamente havia largado, assim eu volto ás columnas da vossa folha, que incensatamente abandonei.

Podéra agora impingir, ao menos aos vossos leitores, uma historia de uma viagem sonhada, de cuidados supostos, de trabalhos e commissões importantes ; mas, em falta de outro mérito, quero ter e possuir o da franqueza e lealdade : isto é, tenho deixado de fazer *voar a minha pena* por onze motivos : o primeiro por mandrice : os outros advinhe-os, ou os vossos leitores que os supponham.

Mas !... vós e os vossos leitores, se tiverem vagar e pachorra para tanto, hão de querer saber, hão de querer explicar o motivo porque inesperadamente desapareci, e agora reapareço na vossa folha. Não vol-o posso explicar mas dá-se uma coincidencia celebre, que vos vou fazer notar; e no que os filosofos do magnetismo terão um osso logico para roer e remoer.

O meu desaparecimento da vossa folha e a minha resurreição de Lasaro jornalista coincide com o desaparecimento e com a resurreição artistica de Mme Casaloni.

Ora, pois, eu, a artista e o *Trovador* somos uma especie de phenix renascida. Do pó e do marrasco lyrico surgiu a opera com os capotes do *Barbeiro de Sevilha*, com as mesmas insuportaveis coristas, com as mesmas estorpeadas vistas, com as mesmas gentilezas do Sr. Gentil, com os mesmos guinchos da Sra. Grimaldi, com as mesmas ventriloquidades do Sr. Sicuro, com as mesmas tranquibernias da directoria ; mas diferente em quatro papeis.

O Sr. Susini fez-nos chorar lagrimas de sangue pelo velho e saudoso Bouché. Entre a voz vibrante e harmoniosa do velho sargento da soldadesca de Luna, e a voz secca e ingrata do gordo e esbelto cabo ha uma diferença notavel.

O Sr. Walter, cuja voz é o campo onde foi Troya, teve uma ou outra passagem feliz, mas a sua monotonia fez-nos lembrar da monotonia chorona do Sr. Arnaud.

A Sra. La Gura, em nosso entender, exibiu n'esta opera todos os recursos do seu grande talento : admiramol-a, porque em contraste com a Sra. Charton ella soube copiar com tino magistral a delicadeza e precisão, com que a saudosa artista grangeava a admiração dos deletantis e a approvação dos professores. O papel de Leonor foi conscienciosamente comprehendido, e triunphantemente desempenhado: o mais encarniçado sceptico não poderá negar á Sra. La Grua uma legitima gloria no desempenho d'esta opera.

A Sra. Casaloni resurgiu mais artista como não era, e tão excellente cantora como não podia ser mais. O seu novo trajar, o seu novo jogar de scena realçaram a cantora, que tão profundas recordações nos deixára, e que tão vivos aplausos veio colher. Essa voz extensa e vibrante, que arrebata nas suas notas extridentes, que encanta, que extasia n'essas harmonias repassadas de uncção melancolica chamou uma concurrencia immensa a esse theatro, que estava literalmente abandonado, e que agora ficou litteralmente occupied.

Aindabem que vamos ter mais algumas noites, que nos recordarão essa epocha, em que o *lyrismo* era uma especie de febre endemica, que absorvia para esse barracão uma concurrencia avida de spectaculos.

Também vós, meu director, tornareis a ter na vossa folha os meus *voares de penna*, ou dirigidos a vós, ou ao meu amigo da província.

Por hoje basta de lição: tenho dito de mais para filho prodigo, que tanto carece da vossa complacencia.

A. S.

THEATRO LYRICO.

Consta-nos que Lourenzo da Ponte, o intrepido e epygrammatico poeta italiano, contemporaneo de Casanova, composera o *libretto* de D. João na presença de Mozart, esse grande genio melancolico e terno; e que durante o trabalho ouvia os seus conselhos.

Durante esse trabalho feito á noite, á pallida claridade de uma luz tremula, que projectava mysteriosa sombra sobre a mesa do poeta, via-se o *Inferno de Dante*, e uma garrafa de vinho de Tokay. Além d'isto era elle servido por uma joven de deseseis annos com amorosa dedicação, e o poeta trabalhava com ardor febril.

Nós que não temos nem o talento, nem a imaginação febril de Lourenzo da Ponte, nem os accessorios que o inspiravam, que não vamos

compor um *libretto*, nem apenas fazer a descripção, ainda que tosca, de nossas impressões, preferimos tambem o silencio da noite.

A lua projecta seus pallidos raios, que vem confundir-se com os da luz que nos allumia a mesa, sobre a qual debruçado escrevemos estas linhas.

Temos apenas por mudos e silenciosos companheiros um Tito Livio, o transformador das canções do *Latium*, um Homero, o pai da poesia grega, a Biographia dos Musicos de M. Fetis, a Historia da musica do Dr. Burney, e a critica da razão pura de Kant, que jazem espalhados, semelhantes aos tumulos dos Egypcios com os seus hyerogliphos promptos a responderem, em muda linguagem, aos olhos envestigadores.

Lamartine, o principe dos poetas franceses, espiritualisou a poesia, e a idealisou. Victor Hugo deu-lhe o reflexo da luz do mundo. Saint Beuve, o progressista da imaginação, Mme. de Stael, de Maistre, G. Sand e Laménais, prosadores do mesmo genero, que enriqueceram a lingua francesa com cores vivas e variadas, exprimiam-se com energia, prodigalizavam imagens, possuam emfim essa faculdade innata, essa força premordial da observação, que transforma e julga os phenomenos das sensações.

Nós, pequeno atomo a par d'esses gigantes da intelligencia, o que faremos ?

Beethoven cantava porque chorava, chorava porque soffria. Se uma idéa o preocupava, pouco se importava com os preceitos da escola, fallava a linguagem na qual melhor se expremia, e pouco se importava que os *pedantes* o appoiassem ou não.

Pois bem ! Sigamos o exemplo de Beethoven. E' verdade que arriscando nós um passo na carreira das letras, apezar de *limarmos quanto dicermos para que não fira*, como diz do poeta o nosso distinto patrício Dr. Magalhães, o cantor dos Tamoyos, mesmo assim nos assemelhando ao inoffensivo caminhante que encontra na estrada mais de uma matilha que lhe ladra, mais de um reptil venenoso, mais de um *spotted toad*, dos quaes tem por mais de uma vez de afastar-se com nojo para não conspurcar-se, esmagando-os.

Deste nosso enunciado tirem a illação que quizerem...

A reentrada de Mme. Casaloni, de quem o publico tinha tantas saudades, levou ao salão do theatro lyrico immenso auditorio. De mais era o *Trovador* de Verdi, opera na qual a distincta cantora sempre brilhou, e Mlle. La Grua e o Sr.

Walter tambem cantavam. Ora, Mlle. La Grua e o Sr. Walter são dois artistas distintos que o publico ouve sempre com gosto.

O salão estava apinhado de espectadores, e se nos é lícito servir-nos da phrase do encyclopedico C. Miller,—era um oceano de cabeças.

Mme. Casaloni apresentou-se perfeitamente caracterizada, e cantou melhor ainda do que outrora. Foi saudada com entusiasmo, e muito applaudida.

Notamos que fez ella grandes progressos, principalmente na mimica. Nós lhe damos sinceros parabens.

Mlle. La Grua, que pela primeira vez cantava n'essa opera, no papel que outr'ora fazia Mme. Charton, trajava a caracter e com o mais apurado bom gosto. Deveu ella isso, e tambem Mme. Casaloni, a Mine. Bragaldi, a insigne costureira do theatro lyrico.

Cantou perfeitamente; e nos ultimos actos então esteve acima de todo o elogio. Depois das duas distintas cantoras mereceu especial attenção o Sr. Walter. Não é possivel, na actualidade, que no nosso theatro lyrico se encontre um cantor de tanto merecimento e bom gosto. Embora digam alguns que elle cantava a *meia voz*, ou que descia *um ou dois pontos*, o certo é que cantou com demasiada expressão, e arrancou bem merecidos aplausos: nós o felicitamos por isso.

O Sr. Gentil, que no primeiro acto cantou tão bem, para o fin da opera tornou-se rouco; e quanto a mimica é insupportavel.

O Sr. Susini não foi mal; mas quem ouvio o Sr. Bouché, de saudosa memoria, custa a ficar satisfeito ouvindo o Sr. Susini.

Uma noite como esta, tarde nos voltará.

R. L.

Beneficio do Sr. Tati.

Nos primeiros dias do proximo mez de junho terá logar o beneficio do Sr. Felipo Tati: além da *Norma* haverá algumas outras peças, entre as quaes algumas cantadas pelo menino Tati, por esse herdeiro-morgado do distinto merito de seu estimavel pai.

Ha de ser esse um bello e formoso espectaculo, em que apar dos nossos artistas mais notaveis, aparecerá esse genio do canto, que um dia fará a summa gloria da arte, por que desde o berço está fadado para os triumphos que ella proporciona aos seus predestinados.

O Sr. Felipo Tati acha-se por si recommendado; mas seja-nos permittido pedir toda a

coadjuvação publica a favor do primeiro artista que até hoje tem vindo ao Brasil; e que apesar de um merito transcendente possue todas as excelentes virtudes de bom pai, bom amigo, e cavalleiro de polidas maneiras, e não vulgar illusbração.

INSTITUTO EPISCOPAL.

DISCURSO DO SECRETARIO.

MEUS SENHORES. N'esta hora solemne, em que o Instituto Episcopal Religioso vai contrahir a mais grave responsabilidade, em que romeiros, de nova crusada, vamos exercer uma missão augusta e sancta a favor da religião, e tambem da moral e da philosophia, suas filhas primogenitas a nova directoria, cujo acto de posse presenciaes, me encarregou da manifestação dos seus votos e das suas aspirações na difícil missão que lhe incumbistes.

Intendemos, senhores, que trez são os cancos que minam e corroem a sociedade actual: a indiferença, o fanatismo e a superstição.

O scepticismo religioso, que d'Alembert, Diderot e toda a manada philosophica dos encyclopedistas derramaram a mãos largas, lavrou pelo corpo social; morta a fé appareceu a indiferença; e a indiferença é peior do que a incredulidade.

Foi pois a indiferença o legado terrível, que herdamos do seculo passado: elle é o ferrete de ignominia que se acha estampado na fronte do seculo actual, d'este Jano moral, que tem uma face voltada para a incredulidade, e outra mirando a fé da nova regeneração.

Entre a fé que perdemos, e que desejamos outra vez, entre a fé de nossos pais, que era a fé do homem justo e a incredulidade, que como um herpe lento desinha e mata as nossas crenças, ha ainda a sarça da esperança, ha ainda a alampeda no sanctuario do arrependimento para conduzir a humanidade desvairada n'este deserto arido da vida material: se abandonamos a Deos, como o filho prodigo do Evangelho, ao regressar, depois de purificados no cadinho da desgraça, acharemos *pai* a nosso pai, e em vez da reprehensão encontraremos a misericordia.

Como o filho prodigo é a sociedade a actual; e ainda bem que enganada e desenganada pelas crueis decepções d'essa philosophia vertiginosa da encyclopedia, ainda bem, que ensopada no sangue fratrecida; e queimada pelos odios das luctas politicas, volta ao caminho da redempçao; e já

transpõe o limiar da casa paterna que tão insensatamente abandonará.

A sociedade carece de uma redempção; e o Messias d'esta redempção hade ser a philosophia; mas não a philosophia prostituida e derrancada pelo scepticismo; não a philosophia capciosa de Helvetius, mas sim a philosophia christã de Chateaubriand e Bergier; não a philosophia dos escholasticos subtis, mas a philosophia pura e sá que o Filho de Deos legou-nos na altura do Golgotha, a philosophia evangelica por excellencia, a philosophia ensinada na paixão do Redemptor, sellada com o seu sacrificio, com o martyrio dos crentes, e com essa pleiade immensa de imensíssimos triumphos.

E esta missão, senhores, não é exclusiva d'esta ou d'aquella classe, d'este ou d'aquelle individuo é de toda a sociedade, é da humanidade, porque á humanidade está reservada uma nova era, vivificada pela luz do evangelho, esclarecida pela philosophia, e apoiada pela moral universal. Se do cahos salio a ordem, do scepticismo hade sahir a verdade e a fé. O ouro purifica-se no fogo, a virtude na adversidade, a sanctidate no martyrio e a verdade na duvida.

A religião, senhores, como diz um grande talento contemporaneo, ensina ao homem que elle tem duas vidas a viver, uma passageira outra eterna; uma da terra outra do céo. Mostra-lhe que a sua natureza é dupla como o seu destino: que ha n'ella um animal e uma intelligencia, uma alma e um corpo, em fin que elle é o ponto de intercessão, o annel commun de duas cadêas dos seres que abraçam a creaçao: da serie dos seres materiaes, e da serie dos seres incorporeos; a primeira partindo da pedra para chegar ao homem; e a segunda partindo do homem para chegar a Deos.

Vemos pois que é a sociedade que deve fazer o bom catholico; e que as questões religiosas, para se manifestarem em toda a sua excellencia nas diversas phases da existencia humana, não pôdem deixar de tomar por base as grandes modificações sociaes. Assim o nosso Instituto Episcopal Religioso, promotor dos interesses da religião e da moral, se quizer que o seu influxo seja efficaz e amplamente util no dominio das idéas e dos factos, tem não só de entrar no templo, e abrir o sanctuario dos mysterios de uma religião divina, como derramar o pão do espírito; tem de folhear o Evangelho no que elle encerra de mais salutar para todas as alternativas e necessidades

das vida real, tem de aproximar as instituições da sociedade moderna ás idéas e formulas religiosas, de as identificar e secundar, procurando interpretar as tendencias e urgencias do tempo, porque elles prendem com os preceitos e dogmas que nos deixam antevers uma existencia de bem-aventurações, tornando-nos melhor a peregrinação da vida.

É pois pelo pasto espiritual da doutrina evangelica, vulgarizada pelas obras religiosas, moraes e philosophicas, (e que se derramarão em livros de preço accessivel a todas as posses) que o Instituto hade obter este seu desideratum.

É difícil e ardua a empreza; é isto um arrojo de Icaro, mas não é a ousadia de Antheu, porque queremos conquistar o triumpho para uma idéa, e não escalar o céo dos pagãos.

A imprensa, senhores, hade ser o nosso maximo recurso. A alavanca, com que Archimedes sonhara poder abalar o mundo é o jornalismo, e o seu ponto de apoio é o espirito de associação. A imprensa é como o fogo: ella que servio para incendiar com o facho do scepticismo, hade agora alumiar, e vivificar as doutrinas com a lampada da philosophia e da fé.

Dissemos, senhores, que trez eram os cancos que corroiam a sociedade: já dissemos perfuntoriamente alguma cousa sobre a indifferença, digamos, ainda mais perfuntoriamente, duas palavras sobre o fanatismo, e sobre a superstição.

O scepticismo e a incredulidade philosophica matou-nos a fé; mas conservou para seus ministros o fanatismo e a superstição. O fanatismo triumphou, porque o clero não comprehendeu o espirito da epocha: intrincheirou-se nos privilegios theocraticos, foi sceptico do progresso intellectual do genero humano, e abraçou-se com a superstição. D'este hymeneo monstruoso tem nascido este estado de marasmo, este estado de depreciação ou exageração, em que tem estado o culto e a doutrina da igreja. Em vez de um culto edificante, temos espectaculos de profana ostentaçao, em vez do trigo temos o joio, em vez dos fructos temos as folhas.

Todos nós, senhores, reconhecemos o estado do nosso clero, e dos nossos templos: somos os pagãos do christianismo; e, com honrosas exceções, vive-se da igreja, mas não para a igreja, professa-se a religião, nos seus espectaculos, mas renega-se a caridade; e quando se dá a esmola, não só não se busca que a mão esquerda, na phrase do apostolo, não saiba do que faz a direita

como se grita para que a ostentação seja ainda mais estridente e assoalhada.

Os nossos templos estão, permitti-me a verdade, como invadidos pelos vivandeiros, de que nos falla a escriptura sancta. Tudo nos falla aos sentidos, e nada ao coração. O templo é o bazar, onde vem ostentar-se as galas, é o salão onde a faceirice vem exhibir todas as suas seduções. O sermão, em geral, é um poema de conceitos, e gongorismos, e não a doutrina em parabolas como a ensinou o Filho de Deos: a musica são notas vaporosas, que embriagam os sentidos, que deleitam, que arrebatam pelo machinismo das florituras, e não essas notas, ungidas de harmonia, repassadas de doce extasi que à semelhança dos arcanjos de Milton, nostomam a alma em suas candidas azas e a transportam até ao solio do Eterno.

O nosso Instituto hade, com o exemplo e com a palavra, propugnar pela estirpação dos abusos e pela rehabilitação da doutrina e do culto. No seu programma de reforma intende elle que, sem destruir o que temos, deve começar o novo edifício d'esde os alicerces. Só para a nova geração é possível a completa rehabilitação; e por isso a educação moral e religiosa da mocidade hade ser um dos nossos primeiras empenhos: depois de juntos os indispensaveis materiaes, de repararmos as fendas e as ruínas do velho edifício, lançaremos a pedra angular do novo. Só estas aspirações pôdem tornar estavel o nosso Instituto, elle buscará practical-as: por que obreiro do futuro só do futuro espera uma approvação e um premio a suas locubrações, e exforços.

A educação da mocidade está por demais derancada. Tiraram-a da crasta dos conventos, das sacrestias das igrejas rurales, arrancaram-a da sombra do altar, e atiraram-a para o balcão dos especuladores. Enriquece-se o espírito, illustra-se a cabeça, mas não se forma o coração, porque a falsa sciencia sobrepuja as virtudes.

O Instituto hade consagrar muitos esforços a esta urgencia publica, hade bradar e fazer sentir a necessidade de termos pais e mães de familia, dignos da sua augusta missão, e filhos dignos de nos suceder na sociedade e honrarem a nossa memoria. Mal d'aqueles que tratam da cabeça dos filhos, e negam-lhes cuidados ao coração: fazem um sabio pedante de mais, e um cidadão prestitoso de menos: toda a esperança possível da religião e da patria está na mocidade; preparamo-la condignamente; porque se as arvores e os brutos se criam e educam, como não havemos crear e educar os nossos filhos, os herdeiros do nosso nome, os defensores de nossas acções?

As rapidas considerações, que acabo de fazer, são o palido, mas fiel transumpto dos votos e dos empenhos do nosso Instituto. Em promessas de associações e em programmas de jornaes já ninguém acredita, por isso nada promettemos: toda a nossa historia está no futuro: a historia dos nossos trabalhos será a historia da nossa existencia; appellamos para elles e para o futuro; e o futuro que nos julgue.

* Achamo-nos, porém, com direito, em vista das nossas puras e sanctas intenções, a invocar não só uma expectativa generosa, masinda toda a possível concorrência e protecção: contamos com a do sábio prelado, e com a do venerando representante do Summo Pontifice, os quaes

presidem esta nossa solemnidade; esperamol-a do coração, por excellencia religioso, e ornado de caridade, que tanto realça a augusta herdeira das virtudes da primeira e da segunda imperatriz do Brasil; esperamo-la das veneraveis mitras dos prelados nacionaes e estrangeiros, cuja protecção nos pôde ser tão proficia; esperamol-a da concorrência e coadjuvação das ordens terceiras e religiosas, que tão benemeritas se tem tornado por terem sido verdadeiros e legitimos sustentaculos da religião e da caridade, a virtude christã por excellencia; e esperamos e invocamos em summa, além do auxilio immenso e sem limites da Providencia, a devotação de todos os corações catholicos; por que só assim o Instituto Episcopal Religioso poderá colher os fructos da sua altissima missão; só com estes auxilios poderosos, elle poderá ser um digno obreiro, trabalhando com fructo no alcaçar sagrado da Religião e da philosophia.

Eis-aqui, senhores, os votos e as aspirações da nova directoria.

Perdoai-me, e perdoe-me ella tambem a insuficiencia com que acabo de cumprir esta comissão que ella se dignou incumbir-me, e que tivestes a bondade de escutar.

Rio, 3 de maio de 1856.

O SECRETARIO GERAL, F. M. Raposo d'Almeida.

Instituto Religioso.

Na quarta feira proxima, 28 do corrente, terá logar no consistorio do Hospicio a primeira sessão ordinaria, que se espera será honrada com a presença de um dos nossos presidentes honorarios.

As sessões ordinarias são puramente consagradas a assumptos litterarios; assim depois da leitura do expediente, proceder-se-ha á leitura de uma memoria sobre a guarda dos domingos, pelo Sr. F. M. Raposo d'Almeida, e será ouvida uma conferencia pelo Exm. Sr. conego Pinto de Campos, uma das primeiras illustrações do clero, da litteratura, e um dos membros, que honra a camara electiva actual.

Expediente.

Involuntariamente foi retardada por tres dias a publicação d'este numero, com o qual finda a primeira serie.

As pessoas a quem não approuver continuar com a assinatura tenham a bondade mandar participar por escrito na rua do Hospicio n. 266.

O n. 25 primeiro da segunda serie será publicado no dia 1 de junho, e continuará a publicar-se regularmente aos domingos.

Em attenção aos melhoramentos, que a folha reclama, em consequencia das subidas despezas da typographia, e expediente da empreza, os preços da assignatura por um anno ou 48 ns. é de 10\$000: por semestre ou 24 ns. 5\$000: por trimestre ou 12 ns. 3\$000.

Com a *Semana* distribue-se gratuitamente a *Revista Catholica*, jornal do Instituto Episcopal Religioso.

A *Revista Catholica* assigna-se por anno 5\$000, por semestre 3\$000.

Na rua do Hospicio n. 266, canto da de S. Jorge recebem-se assignaturas, reclamações e toda correspondencia.

A collecção da primeira serie da *Semana* ou 24 ns. com mais de duzentos diversos artigos vende-se por 4\$000.